



## Sutor, ne ultra crepidam

Paulo Henrique Silva Costa

A expressão latina “*sutor, ne ultra crepidam*” (ou “*ne sutor ultra crepidam*”) também conhecida como “sapateiro, não vá além do sapato” é apresentada pelo naturalista romano Plínio, *o velho* (23-79) em sua obra *Naturalis Historia*. Nela, Plínio narra o episódio no qual um pintor grego do século IV a.C, chamado Apeles (370-306 a.C), tinha com artifício expor suas obras recém finalizadas em frente ao seu ateliê com o objetivo de ouvir comentários e críticas daqueles que passavam para que pudesse, dessa forma, melhorá-las.

Certa vez, então, Apeles terminou sua obra e a expôs. Como esperado, alguém parou em frente ao ateliê, analisou a obra exposta e fez comentários sobre ela dizendo que gostara muito. Apeles o agradeceu. Contudo, aquele que fez o comentário disse que gostaria de fazer uma sugestão. Tratava-se de um sapateiro (sutor). A sugestão feita referia-se ao modo como Apeles tinha representado as amarras das sandálias que, de acordo com o sapateiro, estavam incorretas. Apeles ouviu o comentário e se prontificou em fazer ajustes em suas novas obras. O sapateiro então disse que faria mais uma sugestão. Agora, não sobre os sapatos, mas sobre os cabelos ali representados. Apeles, então, o advertiu dizendo: “sapateiro, não vá além dos sapatos”. E assim se finalizou o famoso diálogo.

A expressão de Apeles, narrada por Plínio, foi incorporada pelos romanos e transformou-se em provérbio para se referir a todos aqueles que opinavam sobre assuntos diante dos quais não tinham domínio. Mais tarde no século XVIII, o escritor inglês Willian Hazlit (1778-1830) cunhou, a partir da expressão de Apeles, o termo “ultracrepidatismo”. Termo este que é ainda hoje usado.

Como vimos, a expressão “sutor, ne ultra crepidam” descreve o comportamento daqueles que se sentem inclinados a opinar, sem condições objetivas, sobre os mais diversos temas. Por que isto é relevante aqui? É relevante porque, como mostraremos, um dos principais problemas que enfrentamos durante a pandemia de Sars-Cov-2 (COVID-19), a saber, a desinformação e, por consequência, o negacionismo, tem sua origem nesse tipo de comportamento ultracrepidário. Para isso, mostraremos que a desinformação e o negacionismo fazem parte de um contexto mais amplo no qual há várias engrenagens funcionando simultaneamente. São estas engrenagens que, de certo modo, impulsionam as pessoas a serem ultracrepidárias, gerando, assim, o fenômeno que chamaremos de falsa paridade epistêmica. Começaremos com a definição de “falsa paridade epistêmica”.

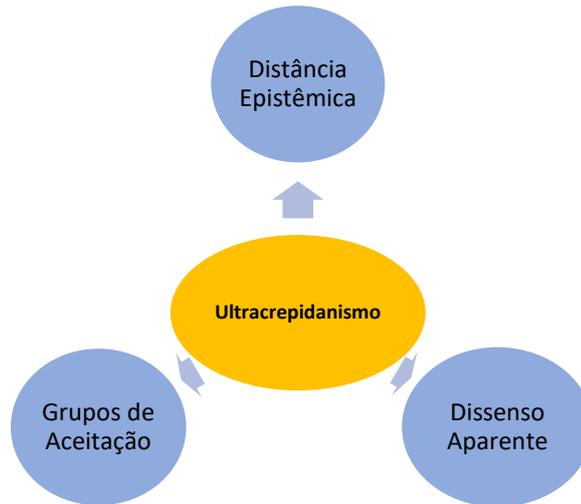
A falsa paridade epistêmica ocorre quando alguém, mesmo não sendo especialista sobre um assunto, se sente encorajado a dar opiniões. O problema central não está propriamente no fato de alguém se sentir encorajado a emitir opiniões sem ter domínio sobre o assunto. E sim, este é o ponto central, está no fato daquele que emite as suas opiniões acreditar que aquilo que fala está em paridade com aquilo que um especialista diz. Em resumo, o problema da falsa paridade epistêmica descreve os casos nos quais um leigo acredita, de forma equivocada, que suas opiniões têm o mesmo peso informacional daquelas proferidas pelo especialista. Traduzindo para o contexto da pandemia, podemos, então, descrever os casos nos quais pessoas leigas acreditam que suas opiniões sobre o Sars-Cov-2 (suas formas de contágio, de tratamento, etc) teriam o mesmo peso informacional e rigor das opiniões proferidas pelos especialistas.

O que poderia levar as pessoas acreditarem nesta falsa paridade epistêmica?

Dentre as variadas causas, todas elas complexas, chamaremos a atenção para a existência, por assim dizer, de algumas engrenagens da desinformação: distância epistêmica, grupos de aceitação e dissenso aparente<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A descrição destas engrenagens foi inspirada no texto “por que confiar na ciência?”, de Eros Moreira de Carvalho. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/por-que-confiar-na-ciencia/>. Acesso em 29 de agosto de 2022.



Quadro 1: Engrenagens da Desinformação (Fonte: Autor)

“Distância epistêmica” refere-se ao fato de que, para certos assuntos, sobretudo àqueles que têm uma natureza técnica, há uma distância epistêmica entre o que o especialista diz e o que o leigo acredita. O especialista, a exemplo do infectologista, é aquela figura cuja afirmações são (ou deveriam ser) amparadas em evidências. Dessa forma, qualquer afirmação que o especialista profere o compromete, enquanto especialista, com uma base evidencial. O leigo, por outro lado, é alguém que além de não se comprometer com evidências, não domina as técnicas e práticas da ciência (ou do assunto técnico em questão). Há, naturalmente, uma distância epistêmica entre o especialista e o leigo. Aquilo que ambos dizem não pode, a rigor, ter o mesmo peso informacional, afinal, o compromisso que ambos assumem sobre o que é dito é diametralmente diferente.

Quando há uma distância epistêmica e quando não há uma estratégia de divulgação científica, isto é, um modo eficiente e objetivo de explicar para o leigo aquilo que o assunto técnico exprime, ocorre então o fenômeno da aceitação de grupo. A aceitação de grupo diz respeito ao fato de que, se o leigo não orienta suas afirmações e informações naquilo que o especialista diz, porque não as compreendem, então, ele as orientará de alguma forma. Como? Possivelmente pelo grupo de aceitação (ou convívio). E este é o ponto. O grupo de aceitação (ou convívio) refere-se, como o próprio nome diz, ao convívio que as pessoas estabelecem entre si. Este convívio tende a ser fomentado com base em afinidades, inclusive ideológicas. Nesse sentido, o convívio de um grupo de leigos tende a ser com outros leigos, ou seja, com pessoas

que também possivelmente não têm nenhuma educação científica. O que ocorre com isso, portanto, é que a existência do grupo orienta aquilo que os próprios membros acreditam e dizem. Se o grupo é formado por leigos que possuem posições distorcidas, elas serão mantidas e reafirmadas pelos testemunhos do próprio grupo. O especialista, neste caso, é alguém de fora do grupo que terá pouco ou nenhum impacto sobre os membros.

Soma-se, portanto, este fenômeno à existência de dissenso aparente, temos, então, as engrenagens da desinformação e do negacionismo. Dissenso aparente diz respeito aos casos nos quais se cria um dissenso sobre um tema. Este dissenso é aparente, pois, da perspectiva evidencial e do especialista, não há motivos para ele ocorrer. Um exemplo claro diz respeito ao uso de medicamentos notoriamente não comprovados para o tratamento da Sars-Cov-2. Órgãos internacionais, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), dentre outros, afirmaram diversas vezes, com bases em estudos, que medicamentos como Cloroquina eram ineficazes no tratamento da Sars-Cov-2. Contudo, houve uma tentativa deliberada de se criar um dissenso sobre o tema com objetivos políticos. Este dissenso aparente reforça, da perspectiva do leigo, aquilo que ele e seu grupo de aceitação acreditam. Como consequência, há um afastamento da figura do especialista como fonte de afirmações confiáveis, fomentando, assim, o fenômeno da desinformação.

Diante de tudo isso, a falsa paridade epistêmica, isto é, a ideia equivocada de que em alguns casos o que acreditamos pode estar em paridade com aquilo que o especialista diz, surge no contexto no qual diversas engrenagens estão operando simultaneamente. Neste contexto, o combate à desinformação é essencialmente um combate ao funcionamento dessas engrenagens. A desinformação e sua consequência, o negacionismo, não é um fenômeno isolado, restrito a indivíduos pontuais no seio da sociedade. Pelo contrário. Diz respeito à existência de grupos (de aceitação), formado essencialmente por leigos, que reforçam entre si suas crenças, afastando a figura do especialista como fonte de conhecimento e informação.

**Autor:**

***Paulo Henrique Silva Costa***

*Doutor em Filosofia e Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).*



ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-4389-6893>>.

LATTES: <<http://lattes.cnpq.br/6831225432471660>>.